

Entre a familiaridade e a afetação: considerações ético-metodológicas sobre uma etnografia em festividades LGBTQIA+ de Araraquara e São Carlos

Mateus Rodrigues dos Santos¹

Mestrando em Antropologia Social/Universidade Federal de São Carlos

<http://orcid.org/0000-0002-2951-7789>
rodriguessantos_mateus@yahoo.com.br

André Rocha Rodrigues²

Doutor em Antropologia Social/Instituto Federal de São Paulo

<http://orcid.org/0000-0002-9334-1116>
euandre.rocha@gmail.com

Introdução

A cidade carrega uma potência de ser um lócus privilegiado de violências múltiplas para pessoas LGBTQIA+, mas ao mesmo tempo enseja devires de sociabilidade e processos de subjetivação para essas mesmas pessoas. Tais processos podem ocorrer em contextos de lazer, eventos culturais e políticos, destinados ou com aderência do público LGBTQIA+, sendo possível denotar que o consumo destes locais gera vínculos, elos de pertença e fronteiras simbólicas entre os assíduos, atuando assim como mediador e comunicador social (Douglas & Isherwood, 2006), materializando práticas de sociabilidade (Toledo, 2021).

O texto do artigo que apresentaremos a seguir é uma reflexão ético-metodológica de uma pesquisa mais ampla que envolve a problemática acima explicitada: para situar o

1 Membro do Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e Sociabilidade (LELuS – UFSCar) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia Contemporânea (GEPAC – UNESP).

2 Membro do Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e Sociabilidade (LELuS – UFSCar) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia Contemporânea (GEPAC – UNESP).

leitor, o trabalho maior em que esta discussão se insere busca compreender as práticas de sociabilidade, consumo e lazer noturno de pessoas que se reconhecem como LGBTQIA+, residentes ou que visitam, para estes fins, os municípios de Araraquara/SP e São Carlos/SP. Pretende-se avaliar em que medida tais atividades incidem em seus interesses, modos de viver, pensar e estar no mundo, ou seja, como efetuam processos de subjetivação e se relacionam com suas identidades.

As questões ético-metodológicas que aqui focaremos relacionam-se ao fato de morarmos nas cidades que estabelecemos como campo de pesquisa e um de nós conhecer, de outrora, alguns dos eventos e estabelecimentos etnografados³. Diante disso, temos sido confrontados no campo com certa familiaridade com o que temos encontrado em alguns dos contextos visitados e, paradoxalmente, afetados por outros que, *a priori*, acreditávamos estar habituados com a sucessão de ocorrências comuns à essas reuniões e festividades, que promovem momentos de sociabilidade e diversão para pessoas LGBTQIA+.

Justamente estas situações nos suscitaram a escrever este artigo, refletindo sobre como realizar etnografia em espaços e eventos já conhecidos, aprimorando o desenvolvimento da pesquisa que tem sido realizada, mas também contribuindo com a discussão, já clássica na antropologia urbana, sobre como trabalhar com interlocutores que são tão próximos em termos de localização geográfica, idioma, gênero e sexualidade.

Não pretendemos ser normativos ou propor uma teoria geral sobre uma, assim chamada, antropologia do próximo, mas compartilhar inquietações e tentativas de diálogos com autoras e autores que fizeram reflexões semelhantes, de modo a direcionar essas considerações para o nosso contexto etnográfico específico. Essa tentativa é importante, pois Araraquara e São Carlos são geralmente categorizadas como cidades médias⁴ e interioranas.

Este recorte pode ser posto em contraste com diferentes dimensões espaciais, tais como:

3 “Sou residente do município de Araraquara desde meu nascimento, e por ser homossexual, logo que atingi a maioridade, passei a frequentar e criar vínculos sociais e manter relações nos locais de análise e seus integrantes (...) obviamente que toda a lógica de funcionamento desses locais e a interferência deles na formação da minha identidade sexual, ética, política e demais condições subjetivas da minha existência, estiveram presentes (...)” (Santos, 2019, p. 13-14).

4 “As cidades de porte médio são conjuntos urbanos marcados pela descentralização de setores da economia que tradicionalmente, haviam se concentrado em torno das capitais dos estados brasileiros, mas que as necessidades e os interesses dos setores da economia estimulam sua redistribuição territorial, como a concorrência local, a busca por mais mercado consumidor e mão de obra e a influência socioambiental que novas regiões podem trazer a estas empresas e indústrias.” (Santos, no prelo): discussão apresentada em 2022 nas “Jornadas de Antropologia John Monteiro” da Unicamp, sistematizada com auxílio de Pereira e Lemos (2003). O Trabalho completo está em fase de publicação nos anais do evento.

1) Outras concentrações urbanas de porte similar, por exemplo: Bauru, também no interior paulista (a 127 km de Araraquara e com população de 370 mil habitantes⁵) onde Shelton Cicco e Larissa Pelúcio (2018) analisaram o fluxo de desejo e afetos de sexualidades dissidentes; práticas homossexuais masculinas em Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, com 271 mil habitantes, trazidas por Guilherme Passamani (2010) e, embora não seja na Antropologia, mas por se tratar de um recorte não muito distante de Araraquara, vale citar o artigo de Aline Freitas e Luciane Ghiraldello (2014) sobre lazer LGBT em Poços de Caldas, no sul de Minas Gerais, com pouco mais de 160 mil habitantes;

2) Cidades consideradas metrópoles a partir do fim do século XX aos primeiros anos do século XXI, primeiros lugares em que se colocaram questões correlatas. Citemos alguns: Richard Parker (2002) percorrendo e mapeando pontos de aglutinação de gays e travestis na cidade do Rio de Janeiro e em Fortaleza, nas últimas décadas do século XX; Luiz Mott (1987, p. 159-163) que destaca, neste mesmo período, em vista do domínio de estudos dirigidos aos homossexuais masculinos na época, bares voltados às lésbicas também no Rio, em Salvador e na cidade de São Paulo; o clássico de Néstor Perlongher (1987) também na capital paulista na década de 1980, voltado à produção da cidade em torno da prostituição viril; Isadora Lins França (2012) também em São Paulo, analisando o consumo de/em três casas noturnas, predominantemente gays, no final dos anos 2000; Larissa Pelúcio e Thiago Duque (2013) que acompanharam *meninos femininos* e outras manifestações de gênero dissidentes na *praça do sucão*, em Campinas, única metrópole do país que não é uma capital de estado;

3) Ambientações que transcendem capitais de estado e o centro-sul brasileiro, como coletivos ribeirinhos, indígenas, amazônicos e rurais, regiões que Gontijo & Erik (2015) e Domingues & Gontijo (2021) assinalam suas relevâncias. O trabalho de Thiago de Lima Oliveira (2022) é um bom exemplo de etnografia em um contexto específico do território amazônico: a região do Alto Solimões. Sua análise está centrada no registro das narrativas e experiências de pessoas LGBTQIA+ sobre a urbanização do Alto Solimões, tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia. Evidenciando a invisibilidade que gênero e sexualidade ocupam no discurso oficial sobre a colonização da Amazônia, destacando também os dissensos resultantes dela.

Em vista dessa diversidade de lugares e abordagens, nossas observações não apenas se relacionam com uma temática metodológica ampla, mas com um contexto específico, que carece ser considerado e incluído nas análises. Uma vez que permite novas

5 Este e os demais dados populacionais foram atualizados com a divulgação do censo 2022, disponível em: <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2023/06/28/censo-do-ibge-infografico-permite-consultar-populacao-por-cidade-confira.ghtml>. Acesso em 29 de junho de 2023.

abordagens sobre as relações entre trabalho de campo e cidade, as movimentações entre sujeitos pelas cidades, as relações entre territórios e populações, práticas cotidianas e elementos que atravessam as identidades de pessoas que vivem nestes contextos (Noletto, Magni & Rieth, 2019, p. 02). Destes elementos, destacamos as experiências de sexualidades dissidentes em diferentes contextos, significados e sentidos variados que cercam a ideia de “interior” pelo Brasil, como apontam Feitosa, Silva & Zacarias (2020, p. 319).

Araraquara e São Carlos podem ocupar uma dentre essas distintas posições de interior,⁶ tendo em vista que, mesmo somadas, suas populações são bem inferiores à da capital do estado⁷ e estão localizadas entre 234 e 277 km de distância da mesma⁸. Estas características nos fazem crer que o desenrolar da vida no cotidiano, os costumes e os estilos das pessoas neste quadro, podem ter significativas diferenças em relação à região metropolitana paulista, por exemplo.

Dito isso, sem perder de vista a proposta deste artigo em refletir a questão ético-metodológica da pesquisa, as ponderações que seguem são resultado de um diálogo entre um pesquisador, em seu trabalho de mestrado, quem tem feito as pesquisas de campo que aqui serão citadas, e um pesquisador com experiência em etnografia que, neste momento, faz as vezes de orientador do trabalho, mas que não esteve neste campo específico. O artifício de utilizar primeira pessoa do plural (exceto no terceiro tópico), foi escolhido por se tratar de um amplo diálogo de muitas vozes entre pesquisador de campo, orientador, interlocutores, autoras e autores que trouxemos para pensar essa relação e método para se fazer antropologia, em um ambiente conhecido e com pessoas próximas.

Assim, nossas reflexões estabeleceram trocas com os interlocutores e com o “estranhamento do familiar” (Velho, 2004), ponderações sobre a famigerada “neutralidade científica” (Haraway, 1995), também sobre subjetividade e objetividade (Berry, Argüelles, Cordis, Ihmoud & Estrada, 2017), passando por autoetnografia e autoantropologia (Maia & Batista, 2020; Strathern, 2014, respectivamente), chegando às questões sobre a afetação do pesquisador em campo (Favret-Saada, 2005) e a “etnografia acidental⁹ (Fujii,

6 “Cidades do interior” recebem essa denominação em função de suas localizações geográficas. Mas além da noção espacial, cidades do interior podem carregar a ideia de que se tratam de localidades pequenas e pacatas, com valores comunitários, teias de relações menores e mais intensas, sem os desafios, as dificuldades e impessoalidades que supostamente existem nas metrópoles (Martins, 2020, pp. 31). A discussão sobre a pertinência dessa definição para Araraquara e São Carlos em decorrência de suas características e dimensões geográficas é válida e deve ser debatida em outras oportunidades.

7 Araraquara possui cerca de 242 mil moradores e, São Carlos, 254 mil, enquanto somente a cidade de São Paulo, sem sequer contar a região metropolitana, passa dos 11,4 milhões de habitantes.

8 Respectivamente, a primeira distância refere-se à São Carlos e a segunda de Araraquara em relação à cidade de São Paulo, sendo que as duas estão, em média, a 45 km uma da outra. Dados do *Google Maps*, último acesso em 22 de fevereiro de 2023.

9 Tradução nossa, do inglês, “accidental ethnography”.

2015 apud Krause, 2021). Dessa forma, esperamos contribuir para a discussão sobre pesquisas antropológicas em contextos próximos e retratar de maneira comprometida as subjetividades das pessoas LGBTQIA+ em ambientes urbanos, tanto como pesquisadoras como interlocutoras de pesquisas.

Estabelecimentos e eventos etnografados

Para pensar as práticas de sociabilidade, consumo e lazer noturnos, de pessoas que se reconhecem como LGBTQIA+, residentes ou que visitam, para estes fins, os municípios de Araraquara/SP e São Carlos/SP, questionamo-nos se essas atividades afetam seus processos de subjetivação e como tais atividades se relacionam com suas identidades. Dessa forma, realizamos escolhas empíricas pragmáticas em relação às nossas proximidades pessoais e geográficas.

A escolha de lugares partiu, a princípio, da consideração de que se tratam de espaços que direcionam suas atividades para o público LGBTQIA+ e outros dos quais, conforme percebemos, embora não se dissessem explicitamente voltados para este público, notava-se neles a presença dessas pessoas. Assim, as visitas foram concentradas nos seguintes lugares: em Araraquara são a *Paradiso*, a *Ai que Loucura* (ou *AQL*, como também chamam assim os frequentadores), o *TNC*, a *Travada* e um grupo de *WhatsApp*; em São Carlos, as festas da Imagem e Som (*IES*) e a *Kush House*¹⁰.

A *Paradiso*, direcionada ao público LGBTQIA+, é uma casa noturna que esteve em reforma, voltando a funcionar em suas dependências no dia 30 de outubro de 2022. Ocorreu neste tempo, das quais tivemos conhecimento, duas festas em outros espaços, sendo que um de nós foi a uma, como mostraremos mais à frente. Este estabelecimento existe desde 2001 e, certamente, é o maior referencial de entretenimento LGBTQIA+ na cidade, pois é o primeiro e às vezes único lugar que vem à cabeça de pessoas, principalmente não LGBTQIA+ ou as mais velhas, quando comentamos sobre a pesquisa. Sua marca são festas com a presença de *DJs* e performances de *Drag Queens* e *Go Go Boys*. Também havia música ao vivo, com destaque para uma banda de mulheres da cidade.

A *Ai que Loucura* (*AQL*) também se volta explicitamente às pessoas LGBTQIA+. Trata-se de uma festa que ocorre mensalmente há pouco mais de 10 anos, “na qual os organizadores alugam espaços para realizá-las, como outras casas noturnas, salões de festas, chácaras ou áreas de lazer” (Santos, 2022, p. 08). Conta principalmente com *DJs* em suas atrações, a maioria de Araraquara e região, predominando os estilos musicais *pop*,

10 As informações da *Paradiso* e da *Ai que Loucura*, derivam da monografia (Santos, 2019) e da apresentação menos detalhada da que está aqui, num trabalho resultante do projeto para esta pesquisa (Santos, 2022).

funk e eletrônica. Estilos estes também predominantes na *Paradiso*.

O *TNC* sucedeu o *Piratas*, antigo bar, no mesmo local, investigado na monografia ao lado da *Paradiso* e da *AQL* (Santos, 2019, p. 33-36), ocasionando alterações no ambiente, principalmente musical, com o *funk* ocupando o espaço do *rock* de antigamente. Fazendo observações e inferências gerais até o momento, pouco parece ter se modificado o perfil predominante dos frequentadores em torno de suas identidades sexuais, mantendo o interesse em preservar na pesquisa.

A *Travada* é um coletivo que reúne artistas que se identificam majoritariamente como transsexuais e não binários. Quando organizam festas (foco da pesquisa) ou eventos de exposição artística, o fazem no intuito de angariar fundos para o movimento, pois constituíram, nos últimos meses de 2022, um espaço multicultural que procura fomentar, elaborar e compartilhar produções artísticas de pessoas LGBTQIA+ periféricas e ofertar cursos formativos sobre arte e cultura a quem se interessar. As festas contam com as/os artistas do movimento, que atuam como *performers*, *DJs* e intérpretes musicais.

A respeito de São Carlos, o mais notório que voltou a ocorrer em 2022, com o fim das restrições ocasionadas pela pandemia de COVID-19, foi a *Festa da IES*. Trata-se de uma festa universitária, organizada predominantemente por estudantes da UFSCar, do curso de Imagem e Som (daí a sigla que nomeia o evento). Demonstra ser uma das grandes festas que marcam a vida universitária em São Carlos e é interessante o fato de ressaltarem tratar-se de um evento LGBTQIA+. Alugam-se grandes salões de eventos e clubes da cidade para sua realização. Ocorrem edições temáticas ao longo do ano, contando com *DJs* que tocam em geral música *pop* e *funk*. Nas edições maiores e mais populares, costumam ser contratados artistas e bandas musicais populares nacionalmente¹¹. Acompanhamos as três maiores edições ocorridas no ano de 2022.

Por meio de um interlocutor são-carlense, conheci a *Kush House* no início de 2023. Inaugurada em novembro de 2022, demonstra valorizar a arte urbana e estilos musicais como *underground*, *hip hop*, *rap*, *funk* e *trap*. Além de uma visita em maio, em janeiro ocorreu um evento dedicado ao dia da visibilidade trans, chamando nossa atenção para a casa. A partir deste evento, outros foram realizados em parceria com a *APOLGBT* (Associação para Parada LGBT de São Carlos).

Para além de estabelecimentos físicos ou eventos, chamou atenção a movimentação de pessoas, majoritariamente homens, possivelmente gays, de Araraquara e região, num grupo de *whatsapp* que atualmente conta com 243 pessoas. Nele, os participantes conversam diariamente sobre os mais diversos assuntos do cotidiano, estabelecendo

11 Alguns que já subiram ao palco da *IES*: Pablllo Vittar, Pitty, Urias, MC Carol e a banda Fresno.

relações de amizade, parcerias amorosas, afetivas e sexuais. Neste sentido, ocorreu, em abril de 2022, uma reunião, um churrasco, ou, como eles mesmos denominaram, um *encontro*, justamente com o intuito de reunir pessoalmente os membros do grupo.

Familiaridade e afetação com o campo: facilidades e desafios

A descrição da relação com a familiaridade com o campo, em alguns casos, e certa afetação¹², em outros, tem por base a experiência das primeiras idas a campo¹³, em abril de 2022. Por isso, neste tópico, a escrita se dará na primeira pessoa do singular, relatando as experiências do primeiro autor deste artigo. As reflexões sobre o trabalho se dão em estreita relação com as primeiras idas a campo que se iniciaram em abril de 2022. Fui ao encontro presencial do grupo de *whatsapp* no dia 21 daquele mês e no *Retorno da IES* (primeira das suas festas depois da pandemia), na noite seguinte, 22 de abril.

Em seguida, com um intervalo maior devido a outras demandas do curso na pós-graduação e pela pouca oferta de eventos neste período, fui, na noite de 11 para 12 de junho do mesmo ano, a uma festa da *Paradiso*, realizada em outro espaço, devido à reforma que mencionamos, e na noite do dia 25, fui na edição da *Travada*. Na sequência, fui em algumas das edições da *Ai que Loucura* que ocorreram no segundo semestre do ano¹⁴.

O que retomamos para discutir que retrata desafios ético-metodológicos, é justamente o comportamento no campo, como o manejo das relações com os então interlocutores e a forma de se atentar às vivências e buscar registrá-las. Logo, os primeiros apontamentos a seguir destacam isso e certas aflições diante de ações tomadas em tentar manobrar os interesses na pesquisa, com a familiaridade com muitos dos espaços e pessoas e um sentimento de ter sido levado ou, por que não, afetado pelo campo.

Identificar-se como gay indica uma certa facilidade na entrada, pois tende a passar “despercebido” ou como “mais um”, na maioria desses eventos, na qual a presença de homens gays tem sido mostrada como majoritária (questão passível de reflexão futura, inclusive).

No encontro presencial do grupo de *whatsapp*, isso ficou explícito, pois contou com a presença, entre idas e vindas ao longo do dia para a noite, de 15 a 20 rapazes. Considerei que compareceram, desde jovens na faixa etária dos 20 anos a alguns que provavelmente passavam dos 40 anos. Com certo equilíbrio e diversidade em relação às características

12 Especialmente na forma desenvolvida por Jeane Favret-Saada que buscou, quando pesquisava e escrevia (anos 60 e 70), “reabilitar a velha ‘sensibilidade’” no fazer antropológico (2005, p. 155, grifo da autora).

13 Os trabalhos de campo no *TNC* e *Kush House* começaram depois dessas reflexões, por isso não estão sendo consideradas nesse momento.

14 Nas edições ocorridas em 02 e 31/07, 10 e 18/09 e 16/10.

corpóreas e fenotípicas, havendo magros, gordos e um ou outro de corpo mais atlético, dos quais quatro deles considerei indiscutivelmente brancos, com olhos e cabelos claros¹⁵, um negro retinto e os demais variavam entre esses tons de pele, com cabelos mais escuros e a maioria, cacheados. Todos ali, pelo que pude captar pelas conversas, eram trabalhadores, alguns com ensino superior, mas a maioria era de empregados em cargos que exigiam no máximo o ensino médio completo.

Notava-se que o *encontro*, conforme denominação deles mesmos, consistia justamente em materializar e tornar físico os vínculos feitos virtualmente *a priori* e, devido a pandemia recentemente atenuada, os que já se conheciam pessoalmente estavam a tempos sem se ver e aqueles que se tornaram amigos de modo *online*, através do próprio grupo, puderam finalmente se aproximar, corpo a corpo. A reunião foi feita em torno de um churrasco de sacolinha¹⁶, também se dividiram os custos do aluguel da área de lazer para sua realização.

Cheguei sozinho ao local, por volta das 15h, um bom tempo depois do qual a maioria das pessoas havia chegado. Fui muito bem recebido, com cordialidade e animação pela maioria dos presentes, fossem os desconhecidos até então, ou alguns conhecidos sem muita intimidade. Desse modo, fui inserido rapidamente em um dos grupos que conversava sobre vivências amorosas e também a relação com suas famílias em decorrência de suas sexualidades, trocando assim muitas experiências a respeito.

A partir deste momento, já havia uma cobrança pessoal em lançar mão do celular e fazer possíveis anotações do que seria um diário de campo e de apresentar a pesquisa aos demais, mas fiquei acanhado de assim proceder, com receio de descaracterizar o evento ou provocar uma intimidação nos participantes. Com o tempo, cobrei-me menos a esse respeito e, conforme os demais também iam ficando mais à vontade no evento, resolvi também aumentar minha interação sem tomar notas e atentar-me às dinâmicas das relações que ali se desenrolavam.

Neste ritmo, portanto, sem distinguir muito essas mudanças de postura, a maneira como me relacionava com os demais (com conversas descontraídas, as vezes compartilhando experiências pessoais de nossa vida íntima, rindo das situações e encontrando similaridades dessas experiências) indicou uma perda quase que total do comportamento formal que havia projetado para pôr em prática neste encontro. De fato, sem ter tomado nota em nenhum momento e sem dizer a nenhum dos presentes o interesse na pesquisa. O envolvimento se deu mais ainda quando foi solicitado para

15 Insiro-me nessas características.

16 Expressão muito comum, ao menos nessa região. Designa realizar um churrasco entre amigos no qual cada participante leva uma quantidade de carne e o que for beber.

alguém disponibilizar o celular para tocar músicas na caixinha de som, já que o do rapaz que estava fazendo isso antes havia acabado a bateria, e acabei oferecendo o meu. No mais, de minha parte, não houve aproximações mais íntimas nesta ocasião, no sentido de algum envolvimento afetivo momentâneo, como ocorreu entre alguns deles¹⁷. Meu uso de bebida alcoólica também foi muito comedido, principalmente por considerá-lo inadequado ao trabalho de campo, propósito inicial de estar naquele encontro.

Além da sensação de ter perdido a formalidade necessária para a pesquisa de campo, houve, em certo momento, o sentimento de não ter presenciado nada passível de reflexão, haja vista que o problema da pesquisa em geral, a sociabilidade, envolve, ao menos no sentido clássico proposto por Simmel (2006), formas de interação microssociológicas, corriqueiras e sutis, com “conversação despida de fins práticos” (Frúgoli Jr., 2007, p. 10). No presente caso, assumindo a postura de pesquisador, nota-se que os conteúdos destas relações de sociabilidade são familiares e habituais para mim. Sendo assim, já presumia e não fiquei surpreso com o tema das conversas, com o comportamento (já se esperava alguns assuntos que seriam abordados), com os possíveis flertes e até mesmo com o estilo musical de fundo durante o encontro (*pop* e *funk* que procura atender de forma geral, o segmento LGBTQIA+). Logo, um olhar de saída, que não se atentar aos detalhes e que não estranhe e desnaturalize essas relações, não consegue compreender que são justamente elas que configuram elos de pertencimento e reciprocidade em torno de um ponto comum, a orientação sexual.

Nesta ocasião, a aproximação e pontos em comum do pesquisador com os “pesquisados”, aliada ao fato de ser a primeira experiência em campo, apresentou possíveis dificuldades. A fácil inserção nos grupos de pessoas e as interações propostas, por exemplo, fizeram com que, em campo, não fossem tomadas notas em nenhum momento. Como disse, mesmo com a facilidade e discrição para fazer isso com o aparelho celular, hoje em dia. As trocas com os participantes do evento tornavam-se cada vez mais amistosas e descontraídas e, nesse sentido, perdia-se, em alguma medida, a tentativa de manter uma formalidade ou analisar aquelas relações de maneira muito rígida, com alguma postura analítica distanciada.

Considere, dias depois, que esta postura mais “informal” e de submersão nas relações vividas nesta primeira visita, seria fruto de certa inexperiência pessoal em realizar pesquisa de campo, de modo que, no decorrer das próximas experiências de campo, essa postura foi se ajustando, melhorando a gestão desta situação, pensando na

17 Beijinhos e carinhos. Não foi visto nada muito explícito, como alguns dos presentes temiam e outros queriam que acontecesse em conversas no grupo, antes do encontro. Os outros contextos visitados, que funcionam mais como baladas, também não notei atos sexuais explícitos.

própria organização do material etnográfico, comentando sobre a pesquisa com os então amigos ou colegas e fazendo anotações de ocorrências e falas que chamavam atenção.

Assim aconteceu em outros dois eventos visitados em Araraquara, como na festa da *Paradiso* e nas edições da *AQL*, graças, primeiramente, ao fato de chegar a estes eventos acompanhado de um ou mais colegas e de ter estabelecido laços mais estreitos com um grupo de meninos, cuja aproximação se deu em torno do interesse nas festas. Esta festa da *Paradiso* e a *AQL* do dia 02 de julho, por exemplo, nos organizamos e fomos juntos, oferecendo carona para dois destes colegas e eles ajudando com o combustível, mostrando um modo em que estas relações se estreitavam.

Descrevo agora a ambientação desses lugares nas noites em questão, antes de continuar com o relato da postura de pesquisador, nestes contextos. A *Paradiso* contou com a presença de mulheres trans que trabalhavam na festa como se fossem apresentadoras ou animadoras do evento, interagindo com o público, proporcional ao espaço mediano alugado para esta noite: em sua maioria homens, provavelmente gays, brancos entre 25 e 30 anos de idade. A respeito da *AQL*, percebia, nas noites que aqui descrevo, que havia um público fiel, muitos deles jovens, talvez entre os 18 e 25 anos, na maioria rapazes. A presença feminina foi percebida com mais intensidade se comparada àquela noite da *Paradiso*. Pessoas brancas pareciam ser a maioria, mas com uma presença significativa de negras e não brancas. Em geral, as atividades de música e atrações artísticas para o público se deram, em ambos os eventos, conforme descrição geral do tópico anterior.

Na primeira *AQL* e nessa festa da *Paradiso*, ocorreram momentos de maior intensidade de experiências pessoais, como já havia acontecido em outras vezes dessa festa, antes do interesse pela pesquisa. Pelo fato de estar acompanhado de colegas e nossa relação ter sido muito boa, juntos aproveitamos as festas e além de ter consumido álcool, dancei, e na da *Paradiso*, me relacionei com um frequentador. Embora tenha me deixado levar pela “curtição”, nestas festas foi possível fazer anotações simultâneas sobre ocorrências da noite e questionar, de forma rápida e informal,¹⁸ alguns frequentadores. As perguntas eram relacionadas ao que os presentes estavam achando do evento, de onde eram e o que pensavam sobre as ofertas de lazer e entretenimento voltados à população LGBTQIA+ na cidade etc.

Vale citar que algo diferente ocorreu na festa da *Travada*, na qual não houve companhia de interlocutores. Por mais que tivesse encontrado conhecidos no evento, estar sozinho fez com que a observação fosse mais passiva e impessoal do que experimentando

18 O fato de se tratar de festas no estilo “balada”, com ambientação escura e música alta, faz com que os contatos ocorram dessa forma e, por isso, as entrevistas mais formais, alongadas e em ambiente externo, vieram a ocorrer a partir de maio de 2023.

aquelas relações, acompanhado de algum grupo de pessoas. Isso possibilitou, por outro lado, que mais notas fossem tomadas *in loco* e perceber, ainda com mais precisão, alguns marcadores, como a faixa etária (muitos jovens, na grande maioria, provavelmente entre os 18 e 25 anos), maior presença de pessoas pretas e não brancas e de mulheres trans e pessoas não binárias, se comparado com as outras duas festas¹⁹.

Embora tenha apontado o comportamento mais envolvido naquela *AQL* e naquela noite na *Paradiso*, observamos, no entanto, que os eventos que mais causaram afetação ao pesquisador envolvido diretamente com o campo foram as edições visitadas da *Festa da IES*. Esta festa é esporádica, com poucas edições durante o ano e, com exceção do *Halloween da IES*²⁰, que parece já ter se tornado uma tradição entre as festas universitárias em São Carlos, não possui um calendário com datas pré-estabelecidas, embora a divulgação e a venda de ingressos de cada edição comecem com cerca de dois meses de antecedência. Costuma ter edições menores em repúblicas, mas fomos às três edições maiores que ocorreram em 2022 (nas noites para o dia sucessor de 22 de abril, 16 de julho e 22 de outubro)²¹.

A respeito do público da *IES*, não é fácil descrever a faixa etária, cor da pele, gênero e orientação sexual, graças à grandiosidade do evento. Os universitários da UFSCar, que são ou eram a maioria, têm disputado cada vez mais o espaço com pessoas de outras ocupações e de outras cidades próximas devido a popularidade maior, a cada nova edição da festa, possibilitando aumentar a presença de pessoas mais velhas, negros e negras, segundo a percepção de interlocutores, prevalecendo as relações homoafetivas (entre homens, mas também de mulheres, mais visíveis que nos outros eventos analisados) em relação às heteroafetivas, que nem por isso estão ausentes.

Afetar-se neste novo campo não era esperado *a priori*, pelo contrário. Havia a sensação de que seria confrontado com mais um caso de familiaridade, pois, mesmo sendo o evento menos conhecido, acreditei que seria uma festividade similar a outras que eu já conhecia e, na verdade, instigou-me tanto, a ponto de incorrer em ações que, num primeiro momento, foram lidas como equivocadas ou mesmo antiéticas perante a pesquisa. Houve certo entusiasmo pessoal, possivelmente por ter sido durante quase todo o ano de 2022 o único evento de São Carlos do qual tínhamos conhecimento. Isto parece justificar tal interesse pessoal, além dos atrativos da festa e seus estilos como: a estrutura e o tamanho dos ambientes em que ocorrem; o número de frequentadores expressivamente maior que

19 Comparações possíveis após retornar, com um olhar mais atento, à *Paradiso* e a *AQL*.

20 Edição do mês de outubro com esta temática já mencionada, que dá opção aos frequentadores irem fantasiados.

21 Os temas foram, respectivamente, “Retorno da IES” (tratando-se da primeira festa pós-pandemia), “Gigabites”, com temática da cultura pop dos anos 2000 e o “Halloween da IES”.

nos demais eventos visitados²²; ser o único evento *open bar*, facilitando o consumo de bebidas, sejam alcoólicas ou não; o estilo marcado por uma cultura *pop*, as playlists dos *DJs* e muitos dos cantores que se apresentam, representando estilos musicais como o *pop* nacional e internacional²³, de encontro com boa parte dos meus gostos pessoais; e o fato das festas serem temáticas, como também já chamamos atenção.

Em geral, na *IES*, tomo notas através do celular, sobre aspectos gerais da festa, acompanhando a sucessão de ocorrências, observando o ambiente, a circulação das pessoas e suas características, abordando algumas delas, rapidamente. Na última edição, no entanto, isso não ocorreu, ficando mais “relaxado” quanto a esses procedimentos, deixando levar-me pela relação com os amigos e aproveitando o evento e suas atrações, dançando ainda com mais intensidade, aproveitando o consumo mais fácil e barato do álcool e se relacionando com pessoas. Isto tudo causou, após a saída do evento, certa culpa de não ter acompanhado o evento com mais formalidade, tendo em vista o propósito da pesquisa.

Justamente em relação ao comportamento, não só na *IES*, mas também nos outros eventos, que questionamos nossas ações. Consideramos esses questionamentos, principalmente, de caráter procedimental: anotando menos ou em alguns casos, nada; a dúvida se apresentamos explicitamente a pesquisa para os contatos ou não; o fato de vivenciar muitas das experiências e relações proporcionadas sem estabelecer uma relação criteriosa quanto a elas ou sem acionar a pesquisa diretamente a cada fração de tempo durante a presença em campo.

É nesse instante que cabe avaliar essa postura e como ela pode incidir nos efeitos e resultados da pesquisa. Sem dúvida, essas reflexões mostram, por um lado, certas armadilhas ocasionadas nos casos em que houve familiaridade com o campo, e por outro, a surpresa de sentir-se afetado pelas vivências de diversão, o que não estava programado. De qualquer modo, cabe antecipar que em nenhum momento houve perda total do compromisso em desenvolver a pesquisa e, assim, inserimos os distintos modos de geri-la e vivenciá-la, a partir dos estímulos peculiares que cada contexto pesquisado proporcionou e segue proporcionando.

Agora, aproximamos essas vivências com as discussões de autores que levantamos para refletir sobre a proximidade de campo vistas em alguns contextos e a questão da afetação vivenciada em outros.

22 Um interlocutor que trabalha na organização disse que as festas chegam a ter em torno de 6 mil pessoas.

23 As festas da *AQL* e a *Paradiso* têm, na maioria das vezes, priorizado o funk brasileiro e a *Travada*, o *eletrfunk*, mistura de batidas eletrônicas com o funk nacional.

Do estranhamento familiar à relação subjetividade e objetividade

Ao considerar, antes mesmo do início de trabalho de campo, que encararíamos uma pesquisa num contexto familiar, recorreremos, primeiramente, a Gilberto Velho, acionando o “estranhamento do familiar” como estratégia metodológica, incumbindo-nos da tarefa de “confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito dos fatos, situações” (Velho, 2004, p. 131).

Com o mesmo autor, seguimos defendendo a viabilidade da pesquisa diante da nossa aproximação com o campo:

Isso não mostra a feliz coincidência ou a mágica de encontro entre pesquisador e objeto com que tenha afinidade, mas sim o caráter de interpretação e a dimensão da subjetividade envolvidos nesse tipo de trabalho. A realidade (familiar ou exótica) sempre é filtrada por determinado ponto de vista do observador (...) mais uma vez não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa (Velho, 2004, p. 129).

Na sequência, buscando novas contribuições teórico-metodológicas, fizemos o exercício de aproximarmos esta discussão à crítica da neutralidade científica, proposta por Donna Haraway (1995). Afinal, Gilberto Velho ressalta a interpretação e a influência da subjetividade como característica da pesquisa em um campo “familiar”, “próximo”, imerso nos estudos sociais, havendo a possibilidade de produzir tal conhecimento sem receio de não cumprir o rigor e a neutralidade científica que tradicionalmente seria cobrado.

Para além dos estudos sociais e das ciências humanas como um todo, Donna Haraway (1995) critica um certo fascínio pelo rigor e a rigidez em todo campo científico, identifica a impossibilidade do cumprimento real de todo o protocolo que defende a inflexibilidade da objetividade e demais ditames clássicos que regem os modelos metodológicos (Haraway, 1995, p. 09). A autora analisa em grande escala a posição da ciência, que foi e ainda é atribuída de valores quase que imaculados, sugerindo-nos, em contrapartida, concebê-la como “um texto contestável e um campo de poder” (Haraway, 1995, p. 11), do qual fazem parte da sua constituição, muitas vezes, doutrinas objetivistas enviesadas, distante de realidades. Donna Haraway quer fazer presente a subjetividade, o que permitirá a produção de um conhecimento corporificado:

As feministas têm interesse num projeto de ciência sucessora que ofereça uma explicação mais adequada, mais rica, melhor do mundo, de modo a viver bem nele, e na relação crítica, reflexiva em relação às nossas próprias e às práticas de dominação de outros e nas partes desiguais de privilégio e opressão que todas as posições contêm (Haraway, 1995, p. 15).

A partir disto, refletimos se nosso empreendimento pode se aliar a essa diferente maneira de produzir e lidar com a ciência, que privilegia um modo compartilhado de produção científica, tratando-se de um conhecimento localizado capaz de relacionar-se com estruturas maiores (Haraway, 1995, p. 29).

Nesse momento, é importante trazer as discussões sobre objetivismo e imparcialidade que rodeiam nossa pesquisa: Haraway desmantela toda a formalidade empregada a esta questão, afirmando que o olhar não é neutro ou passivo. Apesar disso, constitui sistemas visuais que funcionam sob modos técnicos, sociais e psíquicos prévios, sendo necessário compreender suas operações (Haraway, 1995, p. 22), afinal, a visão é parcial e localizável. Tal compreensão permite entender o modo como a especificidade de um conhecimento é produzida. Não se trata, no entanto, nem de travar uma luta contra esses elementos prévios, a favor de um objetivismo, tampouco render-se à relativismos:

[...] quero argumentar a favor de uma doutrina e de uma prática da objetividade que privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver. Mas não é qualquer perspectiva parcial que serve; devemos ser hostis aos relativismos e holismos fáceis, feitos de adição e subsunção das partes. [...] Precisamos também buscar a perspectiva daqueles pontos de vista [...] (Haraway, 1995, p. 24).

A visão detém um “poder de ver” (Haraway, 1995, p. 26), portanto, a autora questiona, “Como ver? De onde ver? Quais os limites da visão? [...] Quem interpreta o campo visual? [...]” (Haraway, 1995, p. 28), buscando localizar a enunciação de um saber.

Neste sentido, Maya Berry *et. al.* (2017) avaliam casos em que a (o) produtor(a) de um conhecimento sobre um local, pertence ao mesmo. A pesquisa pode ser enriquecida por valores subjetivos e políticos originais, possibilitando novos resultados e meios de engajamento em oposição ao modo tradicional e objetivista:

[...] não estamos apenas realizando pesquisas, mas estamos conectados aos lugares onde trabalhamos por meio de laços familiares, relações diaspóricas e investimentos em lutas políticas, que nos responsabilizam mesmo após nossa partida. Nossa relação com nossa pesquisa subverte, assim, o pressuposto de que o campo habita um/Outro tempo-espço [...]. De certa forma, o campo viaja com e dentro de nossos corpos (Berry *et al.*, 2017, p. 540, tradução nossa²⁴).

24 “(...) we are not merely conducting research but are connected to the places where we work through familial ties, diasporic relationships, and investments in political struggles, all of which hold us accountable even after our departure. Our relationship to our research thus subverts the assumption that the field inhabits an/Other time-space (...). In a sense, the field travels with and within our bodies.”

As reflexões de Berry *et al.* (2017), buscando subverter a posição de pesquisador/pesquisado, trazem a possibilidade de povos e grupos, tradicionalmente estudados por homens brancos do hemisfério norte, gerarem seus/suas próprios/as pesquisadores/as. Logo, trata-se de um novo campo de visão, para o qual se mostra ainda mais anacrônico tentar reproduzir os cânones metodológicos.

No nosso caso, guardadas as devidas proporções, a intencionalidade de pesquisar sociabilidade LGBTQIA+ em locais que residimos pode ser lida numa chave similar: privilegia um modo de conhecimento que se quer fazer por meio da ciência, à luz destes novos parâmetros, possibilitando posteriormente, refletir sobre o conhecimento que será produzido, sob o entendimento de que foi elaborado por sujeitos que constituem o objeto, morando na região e em um dos casos, compartilhando das mesmas experiências de sexualidade, não sendo, portanto, olhares distanciados.

Além disso, nosso relato anterior revela momentos em que se almejava uma postura pesquisadora mais impessoalizada, e acabou-se por se reproduzir atitudes e comportamentos dos “nativos”, evidenciando a maneira inconsciente e naturalizada da qual estamos integrados ao conteúdo de vivências e relações que pretendíamos delimitar como um objeto de pesquisa, despertando um segundo dilema: estaríamos, portanto, diante de uma autoetnografia?

Autoetnografia e Autoantropologia: aproximações e afastamentos

Para tratarmos da questão acima, é preciso nos aproximarmos da discussão teórica a respeito da ideia de autoetnografia e optamos por fazê-la, refletindo previamente sobre do que ela trata, respondendo enfaticamente a questão levantada, justificando-a a partir do também interessante conceito de autoantropologia (Strathern, 2014).

Na esteira de questionamentos do objetivismo científico que vimos com Donna Haraway (1995) e Merry Baia *et al.* (2017), surge a autoetnografia, também com esse propósito, considerando que seria justamente na produção científica de grupos marginalizados sobre eles mesmos, que seriam produzidos novos conhecimentos, defendendo a importância da inserção, questionando as *verdades científicas* que omitiam relações de poder entre pesquisador e contextos etnografados (Maia & Batista, 2020, p. 241).

Diante disso, a autoetnografia se caracteriza por se tratar de “uma análise de experiências pessoais que objetivam o entendimento de uma determinada experiência cultural” (Maia & Batista, 2020, p. 241), uma combinação de elementos da etnografia e da autobiografia, com uso da epifania como modo de transcender a análise individual para o

externo, o foco social da pesquisa. Utilizando os mesmos meios (observações empíricas, registros, entrevistas etc.), sua produção deve manifestar um ponto de vista consonante com os valores culturais em que está inserido, resultando em um “conhecimento político e textualmente situado” (Maia & Batista, 2020, p. 242). Na autoetnografia, a reflexão é do contexto, mas também é de si, do objeto, das formas de abordagem e da coleta de dados (Maia & Batista, 2020, p. 242-243).

Além dessas características metodológicas, a questão ética é refletida pela perspectiva da autoetnografia, como também levantamos na nossa pesquisa:

[...] a pesquisa autoetnográfica implica num conjunto de relações sociais de pessoas próximas ao pesquisador, de forma que a pesquisa pode ter efeitos pessoais e políticos imediatos em sua vida e contexto social. Por isto, a questão ética aparece na autoetnografia de forma ainda mais densa e complexa, e representa uma dimensão fundamental da investigação, devendo ser cuidadosamente tratada tanto no campo, quanto na escrita do texto autoetnográfico. O consentimento informado, por exemplo, é ainda mais dificultado numa situação em que as relações de pesquisa e as relações cotidianas vivenciadas pelo pesquisador não estão separadas, o que eleva a complexidade das questões éticas de privacidade e confidencialidade. (Maia & Batista, 2020, p. 244).

Isto demonstra cada vez mais a necessidade de refletir sobre nossa pesquisa em contraste com a chamada autoetnografia, afinal, trata-se de relações sociais em que também estamos inseridos, lugares que, em sua maioria, procuramos para entretenimento e socialização com amigos e colegas, surgindo justamente daí o interesse de pesquisa.

Entretanto, essa problematização pode sugerir que um caminho em direção à autoantropologia, autoconhecimento ou reflexividade é mais complexo, pois como nos alerta Marilyn Strathern (2014, p. 154): “Não importa de onde o antropólogo venha, não pode ser autoconhecimento em um sentido reflexivo porque não se baseia nas técnicas específicas por meio das quais as pessoas conhecem a si mesmas”. Ou seja, seria de fato autoantropologia se nossos interlocutores utilizassem as palavras e termos da mesma forma que a antropologia as utiliza. Tentando ser mais enfático e explícito, se nossos interlocutores fizessem uso dos mesmos códigos e estivessem situados nos mesmos contextos acadêmicos que nós.

Os relatos trazidos anteriormente, contrastados com a discussão sobre autoetnografia e autoantropologia, nos fazem questionar se estávamos vivendo mais as experiências do que as analisando etnograficamente. E a respeito do consentimento, dado a dificuldade em função da dinâmica dos eventos, não deixamos explícito em alguns casos, para todos os envolvidos ou aos mais abordados e próximos (quando nos referimos às

grandes festas como a *AQL* e a *IES*), que principalmente a pesquisa nos motivava a estar ali naquele momento.

Assim, muitas informações e impressões sobre o evento (motivação das pessoas, impressões e o que as pessoas sabem ou pensam sobre os eventos), em certa medida, registramos, mas sem identificar estas pessoas, tratando-se, no nosso ponto de vista, de informações genéricas que poderiam refletir percepções de praticamente todos os frequentadores ali presentes, por exemplo.

Portanto, mesmo que não nos inclinemos efetivamente, pelos caminhos da autoetnografia, aqui se mostra uma fonte interessante de pensar ético-metodologicamente a nossa aproximação com alguns interlocutores e a maneira de como abordá-los e envolvê-los na pesquisa.

Além de concordarmos com Strathern (2014), o que nos leva a fugir de uma abordagem autoetnográfica, é o fato de não termos demonstrado interesse de colocar as nossas reflexões mais subjetivas a respeito dos eventos em relação a eles, mas sim estar aberto as impressões dos interlocutores e dar atenção a suas experiências.

A autoantropologia, por sua vez, tem ecoado ao tratar ainda outras questões ético-metodológicas. Tem nos levado a pensar como comungar o conhecimento que produzirá nossa pesquisa sobre o “objeto”, com aqueles que os interlocutores já possuem e produzem, para eles mesmos (Strathern, 2014). Isso nos leva a refletir sobre nossa autoridade ou determinação em relação a um recorte pesquisado no ocidente, onde as pessoas já possuem suas próprias concepções de si.

Inegável para a autora que a atividade antropológica produzirá, nestes contextos, um conhecimento ou versão que possa, em muito, se diferenciar do então senso comum que ali predomina, mas que não o desconsidera:

A reflexão nativa é incorporada como parte dos dados a serem explicados, não podendo ela mesma ser tomada como seu enquadramento, de modo que há sempre uma descontinuidade entre a compreensão nativa e os conceitos analíticos que organizam a própria etnografia (Strathern, 2014, p. 137).

Pretende-se, através dessa reflexão, fazer dos conteúdos coletados e problematizados, reafirmar o compromisso com o recorte proposto conforme mencionamos com apoio de Haraway e Berry *et. al*, invocando ainda mais vozes e conhecimentos de grupos de pessoas que vivem nos entornos das universidades.

Da familiaridade à afetação

Chegamos a dizer na introdução que, a partir de algum momento, a pesquisa tem demonstrado um caráter paradoxal porque ora consideramos que a pesquisa é num contexto familiar; ora nos sentimos afetados e, geralmente, a afetação tende a ocorrer em contextos até então surpresos para quem pesquisa. Reafirmamos, contudo, que essas diferenças de sensações estão variando de acordo com cada contexto, evento e estabelecimento etnografado, que cada um possui suas especificidades, mesmo que próximos geograficamente²⁵.

Logo, a partir das sensações diversas que as pesquisas nos diferentes cenários que compõem o campo têm despertado, cabe refletir sobre a segunda, a afetação. Faremos isso em estreita relação aos quatro *dispositivos metodológicos* acionados por Jeanne Favret-Saada (2005, p. 155) para pesquisas em contextos de afetação, verificando a pertinência de seguirmos seus passos. São eles:

1) Considerar que a “comunicação verbal, voluntária e intencional” é insuficiente para reter os “involuntários da experiência humana” (Favret-Saada, 2005, p. 160). A virada proposta por Favret-Saada é a de descrever esses conteúdos na escrita, concedendo *estatuto epistemológico* (Favret-Saada, 2005, p. 160) a eles. Dito isso, temos tentado notar a percepção e o comportamento das pessoas com relação a sucessão dos eventos que pode ocorrer nessas reuniões, dentre os quais: a recepção dos mecanismos de atração da festa como o ambiente musical e de que maneira suas modificações ao longo da noite podem alterar os interesses e ações das pessoas, além do consumo de álcool, por exemplo, que também pode atravessar suas experiências e gerar outros sentimentos e sensações;

2) Registrar a experiência que promove a afetação e fazer dela um objeto científico (Favret-Saada, 2005, p. 160) nos incumbe da tarefa de explicitar o que foi que causou a afetação e como ela pode ser refletida. Reforçamos os primeiros indicadores da afetação nas *festas da IES*, pois foram as mais impactantes neste sentido: foi o único evento de 2022 etnografado em São Carlos e praticamente foi um fato inédito experienciá-lo; em termos de estrutura, a festa é a maior entre as pesquisadas, seja no ambiente e no número de pessoas e os shows que sempre comparecem grandes artistas nacionais; o *open bar* que facilita e acaba tendo melhor custo-benefício no consumo de bebidas; temas e decoração, com grande elaboração pelos bares e palco por exemplo; maior fluxo e diversidade de pessoas, público que não se limita mais a universitários e que vem de diferentes cidades

25 Tendo em vista que a *AQL*, a *Paradiso* e a *Travada* são na mesma cidade, algumas edições da *Travada* terem ocorrido nas dependências da *Paradiso* após o término da reforma, modificando em muito o público da casa, e que embora a *Festa da IES* seja no município vizinho, consideramos uma distância muito pequena.

da região, não se limitando a São Carlos e Araraquara, promovendo interações mais calorosas; e o gosto pelo ambiente musical como dissemos;

3) Considerar que a análise do que nos afeta em campo se dá futuramente, não sendo possível no momento da vivência (Favret-Saada, 2005, p. 160): de fato, isso ocorreu algumas vezes. Como trouxemos, em muitos dos momentos vivenciados, foram poucas as anotações e a própria percepção de estar sendo afetado, sendo uma reflexão futura às experiências de campo;

4) Por fim, para a autora, os materiais coletados em situações de afetação possuem uma densidade própria e defrontam com os conhecimentos científicos pré-estabelecidos (Favret-Saada, 2005, p. 160).

Sobre este último tópico, é possível pensar que nossa afetação provocou certa distração e desprendimento de anotações e observações formais. O que possibilitou, por outro lado, maior aproximação com interlocutores e imersão nas relações que ocorriam. Além de Favret-Saada, podemos ler esse fenômeno numa chave ainda mais contemporânea, sobre a ideia de *Etnografia Acidental*: “momentos em que o pesquisador não está envolvido em métodos de pesquisa mais formais, [...] mas em tarefas não especificadas no projeto de pesquisa” (Fujii, 2015 apud Krause, 2021, p. 330, tradução nossa²⁶).

Não consideramos possível dizer com precisão que a afetação, no nosso caso, acarreta um enriquecimento melhor ou pior do que se tivesse ocorrido uma postura mais formal de nossa parte. De qualquer forma, o modo como tem sido vivido o campo, tem levado a interpretações e reflexões diferenciadas, indicando uma localização e suas condições nas quais um conhecimento vem sendo produzido e pode perfeitamente ser justaposto ou confrontado com outros.

Os anseios aqui apresentados, certamente, não foram plenamente sanados, embora avancemos ao articulá-los com as referências apresentadas. A constatação mais instigante que fica até aqui é o fato de nos considerarmos familiarizados pelo campo e ao mesmo tempo, sentir afetação, ou seja, certos momentos e ou lugares ainda causarem algum impacto, envolvimento e surpresa perante relações que supostamente conheceríamos antes de iniciar o trabalho de campo, demonstrando a pluralidade destes recortes e suas relações, garantindo a pertinência em continuar com o desenvolvimento desta pesquisa.

26 “moments when the researcher is not engaged in more formal research methods, (...), but in mundane tasks not specified in the research design.”

Considerações finais ou sinalizações futuras

A ideia de compartilhar notas e reflexões abertas, sobre um trabalho ainda em andamento, pode parecer arriscada por colocar em evidência pensamentos inconclusos e talvez nos colocar em uma posição vulnerável, por demonstrar insegurança e dúvidas que nos ocorrem durante o fazer antropológico. No entanto, acreditamos que esse exercício, além de nos ajudar a organizar nossas ideias, oferece oportunidade de expandir ainda mais os diálogos com interlocutores, pois acreditamos, e sobre isso não temos dúvida, que fazer antropologia é sempre “fazer com” e não “fazer sobre”, tratando-se, assim, da ciência social do observado (Lévi-Strauss, 1975, p. 404).²⁷

Neste artigo expusemos as inquietações e dilemas que nos acometem a respeito do fazer antropológico, a relação entre pesquisadores e interlocutores e um fazer cidade de pessoas LGBTQIA+ em seus processos de subjetivação e identidades. Notando que tais processos podem ocorrer em contextos de lazer, eventos culturais e políticos, inclusive, em cenários familiares e frequentados por nós. Observamos que, assim como é possível denotar que o consumo destes locais gera vínculos, elos de pertença e fronteiras simbólicas, atuando assim como mediador e comunicador social, materializando práticas de sociabilidade entre os interlocutores, pode gerar identificações e conexões entre pesquisadores e interlocutores.

Dessa forma, pensamos em “estranhar o familiar” (Velho, 2004) como primeiro amparo metodológico, o que abriu caminhos para pensarmos sobre não termos receio de não cumprir o rigor e a neutralidade científica que tradicionalmente seria cobrado (Haraway, 1995) e assim ficarmos menos temerosos em não nos prendermos e uma abordagem objetivista, uma vez que a pesquisa pode ser enriquecida por valores subjetivos e políticos originais, possibilitando novos resultados e meios de engajamento (Berry et. al., 2017).

Diante disso, reconhecemos a importância do debate sobre autoetnografia (Maia & Batista, 2020), mas, por considerar que nossos interlocutores não operam exatamente sob os mesmos códigos e não estão situados nos mesmos contextos acadêmicos que nós, como aponta Marilyn Strathern (2014), decidimos não utilizar isso como ferramenta e nos sentimos mais confortáveis com a proposta de uma antropologia afetada (Favret-Saada, 2005) complementada pela ideia de *Etnografia Acidental* (Fujii, 2015 apud Krause, 2021) ao perceber que, mesmo em momentos em que estamos vivendo junto com os interlocutores as suas atividades e não analisando-as de maneira formal e pragmática,

27 Que procura extrair o ponto de vista do indígena, expandimos aqui, para qualquer interlocutor. Isto posto, em contraste, a sociologia, que seria a ciência social do observador (Lévi Strauss, 1975, p. 404).

algum conteúdo etnográfico continua sendo produzido e será refletido e escrito a respeito *a posteriori*.

Em se tratando de uma pesquisa em andamento, salientamos que trabalhar metodologicamente com a “afetação” de Favret-Saada (2005) nos tem parecido frutífero e instigante, por perceber, sobretudo, que esta noção, no nosso recorte, floresce num cenário menos comum à sua aplicação, que geralmente é mais associada a contextos desconhecidos dos pesquisadores. Aqui, foi mobilizada para pensarmos a afetação em situações que consideramos, em geral, familiares, mas que causaram impactos e surpresas a ponto de modificar a postura pesquisadora em campo.

Ressaltamos, todavia, que devido a fase processual em que se encontra esta pesquisa, seguimos abertos a novas reflexões de acordo com o que ainda podemos encontrar nessa trajetória, havendo possibilidade que as estratégias até então apresentadas sejam repensadas. O esforço que temos feito é o de expor inquietações, dilemas e dúvidas que julgamos pertinentes ao considerar como fazer pesquisa e fazer cidade com pessoas LGBTQIA+ que, à sua maneira, desenvolvem processos de formação de subjetividades e tecem redes de sociabilidades em um dos múltiplos sentidos de interior que abriga o nosso país.

Referências

Berry, Maia J.; Argüelles, Claudia C.; Cordis, Shanya; Ihmoud, Sarah & Estrada, ElizabethV (2017). Toward a fugitive anthropology: Gender, race, and violence in the field. *Cultural Anthropology*, 32(4), pp. 537-565.

Cicco, Shelton Y. J. & Pelúcio, Larissa (2018). “No interior não tem nada pra fazer”: derivas das sexualidades no interior paulista. *Periódicus*, 9(1), pp. 345-376.

Domingues, Bruno R. C. & Gontijo, Fabiano S (2021). “Como assim, cidade do interior?” Antropologia, Urbanidade e Interioridade no Brasil. *Ilha*, 23(3), pp. 61-83.

Douglas, Mary & Isherwood, Baron (2006). *O Mundo dos Bens: Para uma Antropologia do Consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Favret-Saada, Jeane (2005). Ser afetado (P. Siqueira, Trad. [obra original publicada em 1977]). *Cadernos de Campo*, 13(1), pp. 155-161.

Feitosa, Cleyton; Silva, Elder L. S. & Zacarias, Vinícius S. S. (2020). Reflexões críticas da mesa “Ser ‘Gay’ de interior”: vivências, existências e resistências político-afetivas. *Diários de Campo*, 6(2), pp. 311-332.

França, Isadora Lins (2012). *Consumindo Lugares, Consumindo nos Lugares: Homossexualidade, Consumo e Subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Freitas, Aline A. S. & Ghiraldello, Luciane (2014). Lazer LGBT em Poços de Caldas/MG: um breve estudo. *Revista do Curso de Administração/ PUC Minas* (edição 2014, artigo 02). Disponível em: https://www.pucpcaldas.br/graduacao/administracao/revista/artigos/v2014/Artigo02_2014.pdf.

Frúgoli Jr, Heitor (2007). *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar.

Gontijo, Fabiano & Erik, Igor (2015). Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e...Exortações. *Aceno*, 2(4), pp. 24-40.

Haraway, Donna (1995). Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da parcial (M. Corrêa, Trad. [obra original publicada em 1988]). *Cadernos Pagu*, 5(1), pp. 07-41.

Krause, Jana (2021). The ethics of ethnographic methods in conflict zones. *Journal of Peace Research*, 58(3), pp. 329-341.

Lévi-Strauss, Claude (1975). Lugar da Antropologia nas Ciências Sociais e problemas colocados por seu ensino. In C. Lévi Strauss (ed.), *Antropologia Estrutural* (pp. 385-427). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Maia, Suzana & Batista, Jeferson (2020). Reflexões sobre a Autoetnografia. *Prelúdios*, 9(10), pp. 240-246.

Martins, Vinicius G (2020). *Terê, a cidade das pedras: para um estudo da pixação no contexto não metropolitano*. Dissertação de Mestrado, PPGA/Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

Mott, Luiz (1987). *O Lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

Noletto, Rafael S., Magni, Claudia T. & Rieth, Flavia (2019). Cidades do interior, interior das cidades: apresentação (In Dossiê: Cidades do interior, interior das cidades). *Ponto Urbe*, 24(1), pp. 01-04.

Oliveira, Thiago L (2022). *Formas de ocupar o impossível: corpo, afeto e transformação social no processo de urbanização da tríplice fronteira amazônica*. Tese de Doutorado, PPGAS/Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Parker, Richard (2002). *Abaixo do Equador – culturas do Desejo, Homossexualidade Masculina e Comunidade Gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record

Passamani, Guilherme R. (2010). “Na Batida da Concha”: um olhar Antropológico sobre Homossexualidade Masculina no Interior do Rio Grande do Sul. *Revista Sociais E Humanas*, 19(2), pp. 121-134.

Pelúcio, Larissa & Duque, Thiago (2013). “...Depois querida, ganharemos o mundo”: Reflexões sobre Gênero, Sexualidade e Políticas Públicas para Travestis Adolescentes, Meninos Femininos e outras variações. *Revista de Ciências Sociais*, 44(1), pp. 10-43.

Pereira, Fabiano M. & Lemos, Mauro B. (2003). Cidades Médias Brasileiras: Características Dinâmicas Urbano Industriais. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, 33(1), pp. 127-165.

Perlongher, Néstor (1987). *O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense.

Santos, Mateus R. (2019). "É só o que tem nessa cidade!": *Locais de Sociabilidade, Consumo e Lazer noturno LGBT no Município de Araraquara*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, FCLAr/Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.

____ (2022). Redes de Sociabilidade, Lazer e Consumo como processadores de Subjetivações LGBTQIA+ nos Municípios de Araraquara e São Carlos. In *Anais da 33ª Reunião Brasileira de Antropologia*, Curitiba, PR, Brasil.

____ (no prelo). Sociabilidade e Consumo LGBTQIA+ em Araraquara e São Carlos: Identidades e Subjetividades Transgressoras no Interior. In *Jornadas de Antropologia John Monteiro 2022*, Campinas, SP, Brasil.

Simmel, Georg (2006). *Questões Fundamentais da Sociologia: Indivíduo e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Strathern, Marilyn (2014). Os limites da autoantropologia. In M. Strathern (ed.), *O Efeito Etnográfico* (pp.133-157). São Paulo: Cosac Naify.

Toledo, Luís H. (2021). Sociabilidade: Etnografia de um Conceito. In W. X. Camargo, M. S. Pisani, & L. F. Rojo (ed.), *Vinte Anos de Diálogos: Os Esportes na Antropologia Brasileira* (pp.24-42). Brasília e Curitiba: Brazil Publishing.

Velho, Gilberto (2004). *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Recebido em 24 de fevereiro de 2023.

Aceito em 24 de julho de 2023.

Entre a familiaridade e a afetação: considerações ético-metodológicas sobre uma etnografia em festividades LGBTQIA+ de Araraquara e São Carlos

Resumo

Este artigo apresenta algumas considerações metodológicas sobre uma experiência LGBTQIA+ de produção etnográfica em contextos de festas, reuniões e casas noturnas voltadas para o público LGBTQIA+, nas cidades paulistas de Araraquara e São Carlos. Trata-se de um recorte específico de uma pesquisa de mestrado em andamento que procura investigar sociabilidades LGBTQIA+ nos municípios de Araraquara e São Carlos/SP. Questões éticas e metodológicas têm ocupado um espaço significativo da pesquisa devido à familiaridade e identificação prévia com o campo, interlocutores e seus desdobramentos. As reflexões sobre estas questões estão articuladas com bibliografias que discutem os temas de familiaridade, afetação e objetividade científica. Espera-se com isso contribuir para a discussão sobre pesquisas antropológicas em contextos próximos e retratar, de maneira comprometida, as subjetividades das pessoas LGBTQIA+ nestes ambientes urbanos.

Palavras-chave: etnografia; autoantropologia e autoetnografia; afetação; LGBTQIA+; cidade.

Between familiarity and affectation: ethical-methodological considerations about an ethnography of LGBTQIA+ festivities in Araraquara and São Carlos

Abstract

This article presents some methodological considerations about an LGBTQIA+ experience of ethnographic production in contexts of parties, meetings and nightclubs aimed at the LGBTQIA+ public in the cities of Araraquara and São Carlos in São Paulo. This is a specific part of an ongoing master's research that seeks to investigate LGBTQIA+ sociability in the municipalities of Araraquara and São Carlos/SP. Ethical and methodological issues have occupied a significant space in research due to familiarity and prior identification with the field, interlocutors and their developments. Reflections on these issues are articulated with bibliographies that discuss themes of familiarity, affectation and scientific objectivity. It is hoped that this will contribute to the discussion on anthropological research in close contexts and portray in a committed way the subjectivities of LGBTQIA+ people in these urban environments.

Keywords: ethnography; autoanthropology and autoethnography; affectation; LGBTQIA+; city.